

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE SUPERVISIONADO

ALUNA: VANEIDE FERREIRA LOPES

ESTÁGIO: DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA NA ÁREA DE ARAÇAGI

ORIENTADOR: JOSÉ ROBERTO PEREIRA NOVAES

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA - 1987

INFORMAÇÕES GERAIS

ESTÁGIO: DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA NA ÁREA DE ARAÇAGI

ESTAGIÁRIO: VANEIDE FERREIRA LOPES

PERÍODO: INÍCIO - 16.03.1987

TÉRMINO- 23.06.1987

CARGA HORÁRIA: 272 horas

ORIENTADOR: JOSÉ ROBERTO PEREIRA NOVAES



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2021.

Sumé - PB

M E N S A G E M

... "Que os trabalhadores conscientizem-se de que a Igreja, o Estado e a família são instituições com o objetivo de implantar, das mais variadas formas, a ideologia burguesa..."

(D. M. Cantalice)

## AGRADECIMENTOS

A Carlos Alberto da Silva pela maravilha de tê-lo conhecido; e a Vanilda Ferreira Nunes pela sua grande contribuição sem a qual não teria concluído essa jornada.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores rurais, em especial aos da Região de Araçagi, pela colaboração que me deram, e pelo respeito que devo-lhes diante de sua capacidade de extrair da natureza a sobrevivência humana.

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi realizado na Região de Araçagi através de pesquisas feitas no campo junto ao médio e pequeno produtor, o sindicato e a EMATER.

Procurarei mostrar em breve relato o desenvolvimento agrícola em Araçagi, quando da substituição da cultura comercial do algodão herbáceo pelo abacaxi e da grande importância dessa cultura. Não é um trabalho completo por não cobrir todos os aspectos teóricos-científicos, mas mostrarei as mais variadas formas de organização que se dá após a implantação do abacaxi, destinado ao comércio.

Espero que o trabalho aqui exposto seja de fácil assimilação e que contribua para um trabalho mais científico.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar o processo de desenvolvimento agrícola em Araçagi, mas particularmente quando da substituição da principal cultura comercial, o algodão herbáceo pelo abacaxi. Foram analisadas as condições específicas que possibilitaram a cultura do abacaxi nessa região e as transformações ocorridas quando da substituição.

Através de uma pesquisa no campo feita na Região de Araçagi constatou-se que o capital não penetrou de forma generalizada nas culturas comerciais. O processo capitalista restringe as culturas específicas, que no caso, é a cultura do abacaxi. No período de sua colheita são contratados trabalhadores temporários que se assalariam para complementar a sua reprodução como são trabalhadores possibilitando dessa forma que o capital se reproduza.

No decorrer da exposição percebe-se a importância dada a cultura do abacaxi pelo seu caráter comercial, a nível externo a brindo-lhes espaços para usufruir de vantagens especiais de concessões de crédito, quanto a nível interno devido a sua crescente procura.

O papel do Estado diante da expansão do capital nas culturas comerciais, através dos incentivos governamentais, principalmente o crédito rural permitindo o desenvolvimento de capitais nas produções e a junção da agricultura pela indústria na medida em que subsidia a compra de insumos industrializados.

Esse relatório subdivide-se em:

Na primeira parte: um diagnóstico do município de Araçagi.

Na segunda parte: a estrutura fundiária, suas implicações nas culturas comerciais e a organização da produção de acordo

com cada forma de trabalho.

Na terceira parte: a forma de produção e comercialização de cada produto comercial da Região.

Na quarta parte: os problemas enfrentados pelos produtores diante de cada produto comercial.

Na quinta parte: a organização político-econômica dos pequenos produtores.

Na sexta parte: as conclusões extraídas tendo em vista a análise anteriormente realizada.

# I N D I C E

	pg.
- APRESENTAÇÃO	
- INTRODUÇÃO	
PARTE I - DIAGNÓSTICO .....	10
PARTE II - ESTRUTURA FUNDIÁRIA E A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO .....	12
PARTE III- A PRODUÇÃO E A COMERCIALIZAÇÃO .....	16
PARTE IV - PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS PRODUTORES .....	20
PARTE V - ORGANIZAÇÃO POLÍTICA/ECONÔMICA DOS PEQUENOS PRODUTORES ..	23
PARTE VI - CONCLUSÕES .....	26
BIBLIOGRAFIA .....	28

PARTE I  
DIAGNÓSTICO

O município de Araçagi faz parte da micro-região do Piemonte da Borborema. Limitando-se ao Norte: Duas Estradas e Pirpirituba; ao Sul: Mulungú, Mari e Sapê; Leste: Itapororoca e Manguape; ao Oeste: Guarabira.

O município possui uma área de 202 Km<sup>2</sup>. A população urbana é de 3.062 habitantes e a rural é de 15.781 habitantes, dando um total de 18.843 habitantes. A população rural possui 83,7% da população total. A densidade demográfica é de 98,2 hab/Km<sup>2</sup>.

Araçagi é cortada pelo Rio Araçagi, dividindo-se em duas áreas: área norte e área sul. Mesmo existindo o Rio Araçagi, a irrigação não recebe nenhum incentivo por parte do governo.

Na área norte, há uma predominância da pequena propriedade com um baixo grau de modernização. As principais culturas plantadas são: mandioca com 90% da produção; açafrão com 80%, inhame com 40%, pimenta do reino com 100%, cajú com 100%, côco com 100%, cana-de-açúcar com 30% e pecuária com 20%. A mão-de-obra utilizada é a familiar, havendo assalariados temporários no período do tratado do solo e no pique da colheita, o assalariamento varia de acordo com a cultura. Vale salientar que os contratos feitos nessa área são em número reduzido.

Na área sul predomina a grande propriedade. As culturas predominantes são: algodão com consórcio de milho e feijão vigma com 100% da produção, abacaxi com 100%, inhame com 60%, mandioca com consórcio de feijão phascolus com 20%, açafrão com 20% e a pecuária com 80%.

Percebe-se que nessa área a contribuição da pecuária é

grande e constata-se nessa área um número grande de arrendatários. Esses arrendamentos se dão nas propriedades dos criadores de gado, na sua maioria eles plantam abacaxi.

Na propriedade onde o gado é criado solto, toda a terra é utilizada para esse fim.

Há uma tendência da plantação do açafrão ter uma contribuição maior nos arrendamentos feitos, devido a extração de óleo do seu caroço.

A estrutura produtiva da cidade é totalmente agrícola, com a predominância da pequena produção cultivando produtos alimentares, de subsistência e comerciais.

A produção de culturas alimentares são comercializadas nas feiras livres e os produtos comerciais são comercializados através dos intermediários, e em número reduzidos com a Cooperativa de Mari.

## PARTE II

## ESTRUTURA FUNDIÁRIA E A ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Predomina em Araçagi a média e a pequena propriedade sendo em número bastante reduzido as pequenas propriedades.

Plantavam-se em grandes quantidades o algodão herbáceo, esta cultura ocupava em 1984 uma área de 1.000ha; em 1985 100 ha; em 1986 10 ha e em 1987 5 ha. O algodão herbáceo é plantado associado ao feijão, milho e mandioca principalmente pelos médios e pequenos proprietários e arrendatários. Com a entrada do bicudo e a não importância do governo para o seu extermínio a produção do algodão herbáceo diminuiu.

Quando o abacaxi se integrou na região de Araçagi, sendo bem aceita pelo solo e pelas condições climáticas, e este se integra ao mercado nacional e internacional, através de atravessadores e Cooperativas, delineia-se uma tendência para a transformação na estrutura produtiva, a terra passa a ser mais valorizada, encarecendo a renda da terra, na região em questão não ocorreu esse fenômeno, pois lá a predominância é a pequena propriedade e a média propriedade, os grandes detentores das terras são pecuaristas e os que arrendam são poucos hectares.

Dada a oferta limitada de terras, as lavouras de subsistência, que não são associadas com as culturas comerciais, sofre uma diminuição no seu plantio. O abacaxi é uma cultura que ocupa posição de maior importância no grupo das lavouras comerciais de Araçagi.

São feitos arrendamentos, em média de 2.000 por ano para a plantação do abacaxi, tanto para os pequenos proprietários como para os sem terras. O dono da terra arrenda e o trabalhador faz todo o serviço nela, nesse caso, o trabalhador paga só o arrendamento.

Quando o dono da terra, trata dela antes de arrendar o trabalho é de meia, há uma repartição desde o adubo até a produção, segundo a opinião de um trabalhador sem terra, é melhor trabalhar de meeiro, devido a facilidade do dono da terra obter crédito agrícola.

O pequeno proprietário trabalha em suas terras e arrenda outras para o plantio das lavouras comerciais, há contratos de trabalhadores temporariamente, são contratos verbais com a diária de 100,00 cruzados. As culturas que têm contratos legalmente executado e assinado são aquelas que têm projetos financiados pelo Banco. São feitos contratos na cultura de abacaxi quase todo ano.

Devido a baixa mecanização na região e o número reduzido de tratores para o atendimento da demanda e a diária de 400,00 cruzados, o trabalho humano é considerado a principal forma de trabalho nas suas mais variadas formas.

O ARRENDATÁRIO: São feitos em média na região 2.000 arrendamentos por ano. Dividido em duas espécies: o arrendamento feito pelo pequeno proprietário, exclusivamente para o cultivo de abacaxi; e os feitos pelos sem terra que pode ser de meia.

O VOLANTE: O número de trabalhadores volantes, é grande nas periferias da cidade tem grandes quantidades de trabalhadores que vão para as usinas, mesmo tendo mão-de-obra na região, eles a legam melhores "salários" nas usinas.

Existe em Araçagi 5.000 trabalhadores volantes, alguns deles foram expropriados das suas terras ou de outras localidades e muitos são da cidade que sem terra, trabalham na colheita do abacaxi e da cana-de-açúcar.

ASSALARIADOS TEMPORÁRIOS: São feitos contratos temporários na sua maioria no período do tratado do solo, são trinta pessoas em média, dependendo da quantidade do hectare plantado e no pique da colheita dezesseis pessoas são suficientes, isso na plan-

tação do abacaxi. O inhame no período da colheita contrata-se vinte pessoas e no período do plantio umas trinta pessoas. A cana de açúcar é feita toda mecanizada poupando mão-de-obra no período do plantio e tratado do solo, na colheita se faz necessário de poucos trabalhadores.

O pequeno proprietário faz contratos temporários para o cultivo do abacaxi.

Na pecuária é utilizado serviços de empreitadas para a limpeza do pasto.

POSSEIROS: Existem alguns casos mais muito poucos. A única ligação que existe entre o posseiro da região é com sua própria família eles tem receio de se mobilizarem diante o direito de uso e posse da terra.

PARCEIROS E MORADORES: Existe muito pouco na região. A parceria se encontra na média e grande propriedade. Os moradores se encontram na grande propriedade, na área sul do município.

PEQUENOS PROPRIETÁRIOS: Trabalham com culturas alimentares e de subsistência associado ao abacaxi. Essa categoria predomina na região. Muitos deles arrendam terras para a plantação do abacaxi, não conseguem o crédito rural dificultando e encarecendo seus custos de produção quando da obtenção de adubos, fertilizantes, etc... Alguns pequenos produtores não utilizam tratores nas suas plantações, ela é feita manualmente. Criam pouco gado e este serve para o suplemento familiar ou para pagar uma dívida.

O abacaxi do pequeno produtor é um produto do qual ele extrai a sua sobrevivência. Quando do desenvolvimento do abacaxi, o pequeno produtor é submetido a plantá-lo, devido a imposição do mercado que favorece a cultura do abacaxi. Ela torna-se de sobrevivência para o pequeno produtor porque caso ele não o plante diminui o seu potencial de sobrevivência.

PECUARISTAS: A principal atividade da Região é a agropecuária, tendo a pecuária pouca contribuição na produção geral. São os pecuaristas que detêm maiores acesso ao Banco e um maior número de terras.

Os pecuaristas arrendam parte de suas terras aos plantadores de abacaxi.

Na região existe uma pecuária mista: corte e leite. As pastagens mais utilizadas são as pastagens de pisoteio, e as gramíneas utilizadas são em sua maioria o capim pangola. Havendo introdução de um período de uns três ou quatro anos de outros tipos de capins, também existe pastagens naturais.

Tem propriedade que ultrapassa a capacidade de suporte, que é de 1,5 cabeça por ha, nessas propriedades chega a ter cinco cabeças por ha.

Existe pecuarista com 5.000 mil cabeças de gado, eles criam o gado solto, trazendo apenas para a vacinação, ferrar, só para as práticas mais comuns.

Os pequenos proprietários que têm gado, varia entre cinco a dez cabeças, o gado vive em sistema de cercado. Eles são confinados porque recebem encôsto como complemento alimentar, também a base de capim. O gado do pequeno proprietário é um suplemento para a renda familiar, quando da necessidade ele vende o gado, como também para a complementação alimentar, através do leite.

O gado do grande proprietário só tem complementação alimentar na época da seca.

## PARTE III

## PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Em Araçagi predomina a agropecuária, sendo a pequena e média produção a principal forma de organização da produção.

As principais culturas são: o abacaxi, o inhame, o açafrão, a mandioca e a cana de açúcar respectivamente. Neste item relatarei as formas de produção, de comercialização e os problemas enfrentados por cada produto e produtores.

A única via de financiamento em Araçagi é o Banco do Brasil, via crédito rural. Não há Cooperativas na região, havendo ligações de poucos produtores com a Cooperativa de Mari no tocante especificamente a comercialização.

Além das dificuldades para obter o crédito rural, os produtores da região sofrem com a falta de incentivos do governo diante da irrigação, que quase não existe, das dificuldades de escoamento dos produtos devido aos maus tratamentos das estradas, no período de inverno, e da comercialização que na região 98% da comercialização é feita através do atravessador.

Em seguida detalharemos cada produto.

O produto mais bem tecnicamente produzido em Araçagi é o abacaxi, sendo portanto o mais beneficiado pelo crédito rural. 80% do crédito rural é destinado a essa cultura. O inhame, o açafrão e a cana de açúcar são produtos que estão em desenvolvimento comercial na região. A mandioca é o principal produto alimentício da região.

O abacaxi é uma das principais fontes de divisas do Estado da Paraíba. Essa cultura encontrou as condições climáticas e disponibilidade de terras apropriadas para a sua exploração.

A produção de abacaxi está integrada em áreas bem definidas: as microrregiões de Piemonte da Borborema, Litoral Paraibano e agro-pastoril do Baixo Paraíba. Os municípios de Sapê e Mari são os maiores produtores estaduais. Araçagi nos últimos anos tem ganho respaldo a nível estadual, mas lhe falta incentivo do Estado no tocante a criação de infra-estruturas básicas como estradas, financiamento, etc... a fim de facilitar a produção do fruto e a incrementar as exportações.

Em Araçagi planta-se abacaxi basicamente todo ano havendo incidência do plantio no período de janeiro a junho, planta-se associado ao abacaxi o feijão phascolus e vigme e o milho, desde o início da plantação do abacaxi se faz esse consórcio, só que no início nem todos os plantadores associavam esses produtos, agora são poucos os que não plantam. No início da plantação é que se planta o milho e o feijão.

O inhame tem uma importância comercial quase igual ao do abacaxi, a sua expansão é pequena chegando a uma área de 300ha. Esse produto faz consórcio com o feijão phascolus. A sua plantação são feitas em covas, fácil de cultivo e exige poucas terras.

O açafraão é uma cultura que está em desenvolvimento, está sendo muito solicitada pelos agricultores devido ao seu preço no mercado. Esta cultura possui um cultivo fácil, o quilo está em média de 10,00 a 25,00 cruzados, não requer grandes quantidades de terras e se colhe em duas safras, sendo favorável o seu cultivo para os possuidores de terras.

O Banco do Brasil está destinando créditos em média de dois ou três contratos por ano para o trato do solo do açafraão. Foi feito tratos culturais na área de 20 ha.

A mandioca é plantada de março até julho e é colhida de julho até setembro. É plantado feijão phascolus e vigme e o milho consorciado com a mandioca. A mandioca em 80 tinha uma área de 2.100 ha plantados, atualmente são 1.800 ha plantados, o que de

duz-se que dentre as culturas alimentares esta é uma das únicas que ainda mantêm um bom número de hectares plantados.

A cana-de-açúcar, teve um aumento em sua área de plantação, até 1985 a cana-de-açúcar não chegou a 120 ha, hoje já se tem uma área de 350 ha. A cana-de-açúcar é menos trabalhosa por usar a mecânica no trato do solo e no plantio. O cultivo da cana-de-açúcar é feito em sua maioria pelo médio proprietário, o pequeno proprietário que possuir plantação de cana de açúcar é apenas para a ração dos animais, é a conhecida cana forrageira.

A assistência técnica dada a esses produtos são feitos através da EMATER, isto é, para os que obtiver crédito rural. A EMATER incentiva os produtores a plantar culturas alimentares e de subsistência consorciado com as culturas comerciais.

A comercialização desses produtos de uma forma geral são feitas através do atravessador, 98% da produção é feita dessa forma. A Cooperativa de Mari trabalha com poucos médios produtores, a sua única ligação é na comercialização, não há nenhuma outra ligação afora esta.

O abacaxi do pequeno produtor é comercializado através do atravessador. O pequeno produtor vende o abacaxi e o atravessador peda o fruto na propriedade, paga e a partir daí o produtor perde a noção do destino do seu produto. Para os pequenos produtores a comercialização é um grande problema. Em muitos casos antes do produto frutar já se faz a venda deste.

Alguns médios produtores vendem a sua produção para a Cooperativa de Mari e esta passa para a Cutia no Rio de Janeiro. A Cooperativa de Mari só entra em contato com os médios produtores no período da comercialização, pagando 4,00 cruzados por fruto. A Cooperativa não sede financiamento para os produtores, o transporte para pegar o fruto na propriedade do fornecedor é pago pela Cooperativa.

Os médios produtores compram dos pequenos produtores todo o seu abacaxi, por questões de amizade, alguns pequenos produtores preferem vender a sua produção ao médio produtor da região do que a pessoas estranhas.

O atravessador paga 3,00 pelo abacaxi. Antigamente vinham muitos caminhões de São Paulo e Rio de Janeiro para comprar o abacaxi, o principal fornecedor desses atravessadores eram os pequenos produtores, mas a irregularidade de pagamentos fizeram com que os pequenos produtores perdessem parte de sua produção com esse tipo de negociação.

O inhame tanto é vendido ao atravessador como nas feiras livres. A mandioca, parte é destinada a subsistência e outra é vendida aos atravessadores. O açafraão é todo vendido a uma pequena fábrica de corantes e condimentos instalada em Guarabira. A cana de açúcar é plantada e vendida na sua maioria para as usinas, em média de 95%, o que resta é para a alimentação do gado. A cana de açúcar também é comprada antes de frutar, sendo de forma diferente do abacaxi, ela já tem seu próprio comprador que após a compra manda a cana para as usinas sem muitos atravessadores, o produto vai direto para a usina.

## PARTE IV

## PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS PRODUTORES

Falando-se em linguagem técnica o crédito rural é um sistema de financiamento criado para ligar o homem do campo diretamente às fontes específicas de crédito, livrando-o da onerosa intermediação que o priva de grande parcela do produto do seu trabalho.

Em Araçagi um dos principais problemas enfrentados pelos produtores é o Crédito Rural. Ele é geralmente dado para as culturas nobres, que na região é o abacaxi. Para essa cultura em 86/87 saiu 500 contratos por ano. Para o inhame, que é a segunda mais importante cultura, em 86/87 saiu 1.500 contratos por ano. Há também crédito rural para as culturas alimentícias e de subsistência, sendo muito pouco os contratos feitos, o valor básico do custeio baseado pelo governo favorece as culturas denominadas nobres.

Os produtores da região não têm procurado o crédito rural pela variação dos juros que é alta além da dificuldade de obter o crédito rural, visto que para a sua obtenção, tanto o produto como o produtor são selecionados. Em 1987 foram poucos os produtores que obtiveram o crédito rural.

O crédito rural é dado parceladamente tendo em vista o ciclo da cultura, no projeto da cultura parte do crédito rural é destinado aos tratos do solo e a segunda parcela é destinado a colheita do produto. Para atender as necessidades da cultura necessário se faz que o crédito rural seja parcelado, embora que essa forma não seja aceita pelos produtores, eles alegam a morosidade da entrega do dinheiro de uma parcela para outra, que algumas vezes chega a prejudicá-los. Junto ao crédito rural vem um "pacote tecnológico" ao qual o produtor é submetido a utilizá-lo.

O orçamento para a cultura do abacaxi é a seguinte: Preparo do solo, plantio, tratos culturais, controle fito-sanitário e a colheita. Tendo nesse processo a aquisição de insumos, mudas, defensivos, carbureto, etc.

O trator utilizado na parte dos tratos do solo é um dos maiores problemas enfrentados pelos produtores, são poucos tratores para atender uma área tão grande como está sendo as plantações comerciais em Araçagi.

Para o médio produtor os juros altos prejudica-o, além da perda da liberdade quando o Banco exige dele a forma de plantar, o prazo da produção, através da EMATER.

A pequena produção tem a obtenção do crédito rural como um dos problemas, a dificuldade de obtenção por parte destes, reside no fato deles não possuírem requisitos formais para a obtenção do empréstimo e os que trabalham em terras cedidas necessitam de uma carta de anuência que nem sempre são concedidas.

Quando o pequeno produtor consegue crédito rural e planta a sua cultura, na comercialização ele é prejudicado principalmente na cultura do abacaxi, quando da transação com o atravessador chegando a não poder pagar nem os juros do Banco, a perecibilidade do abacaxi impõe ao pequeno produtor que ele venda os seus frutos a preços não compensadores; a necessidade de saldar o crédito bancário acrescido dos juros é um fator que adicionalmente vem comprometer a posição do pequeno produtor/arrendatário frente ao atrvessador. Nessa situação alguns pequenos produtores alegam que o abacaxi não é mais produtivo para a pequena produção depois que ele tornou-se um produto nobre.

A irrigação é outro grande problema enfrentado pelos produtores da região de Araçagi, embora essa região seja a de maior potencial para a irrigação. São feitos projetos através da EMATER para a aquisição de implementos para a irrigação mas até o momento

não foram efetivados. Existe irrigação em alguns produtos como a tomate e o pimentão, nesse caso a irrigação é feita por inundação. Tem-se uma área de 9 ha favorecida pela irrigação, caso o projeto fosse efetivado a área seria de 120 ha.

As estradas são também grandes problemas para o escoamento do produto. Elas são de piores qualidade prejudicando todos os produtores de uma forma geral, aumentando os seus custos de produção. A colheita do abacaxi geralmente se dá no período de inverno provocando maus tratos na estrada prejudicando conseqüentemente o escoamento do abacaxi.

O baixo grau de modernização na área de Araçagi se constitui em um dos problemas para os produtores da região, principalmente na área norte da região onde predomina as pequenas propriedades.

## PARTE V

## ORGANIZAÇÃO POLÍTICA/ECONÔMICA DOS PEQUENOS PRODUTORES

O sindicato junto a Igreja, a EMATER e o Banco do Brasil, em uma reunião promovida pela SUDENE, teve informações de que seriam aprovados todos os projetos de pequena produção para beneficiamento da produção que essa classe desenvolve.

Após reuniões nos sítios foram tirados dois grupos, um conteúdo 39 famílias e outro 17 famílias.

O primeiro projeto foi do abacaxi, conseguiu-se 1.920.000,00 cruzados para 47 famílias e comprou-se 54 toneladas de adubos, os produtores não estão acostumados ao uso do adubo, precisou-se de um representante para dá continuidade ao trabalho. O trabalho está sendo muito lento, está havendo problemas diante da produção e da plantação por ser um trabalho comunitário e por se está trabalhando com quarenta e sete famílias.

A Comissão Comunitária é formada pelo Banco do Brasil, Igreja, Sindicato e Pequeno Produtor, são seis pessoas, eles se reúnem para discutir se o projeto está desenvolvendo-se bem e analisar algumas propostas ou sugestões de produtores vinculados ao projeto.

O projeto está em andamento já faz mais de um ano.

O segundo projeto é para a pecuária, na região de Canafistula. Com a construção de uma cisterna e com trinta e nove vacas leiteiras. Quando der a primeira cria, se for macho vende-se e o dinheiro fica em benefício do grupo; se for fêmea passa para as famílias e assim conseqüentemente, só dessa forma é que os pequenos produtores podem reproduzir-se.

Todo tipo de produtor pode vincular-se a esse projeto; arrendatário, posseiros, sem terras, assalariados, etc...

A área desses projetos não são juntas, são 54 hectares dispersos.

A relação com o Banco do Brasil é só diante do projeto. No interior da relação, o sindicato conjunto com a Igreja realiza um trabalho de conscientização política, ensinando-lhes o objetivo. O sindicato, as leis que os protege, etc. e procuram através desse trabalho solucionar problemas referente a produção, comercialização, etc...

O maior problema enfrentado diante da comissão é a comercialização, o atravessador destrói toda a ação comunitária.

É feito uma pequena comissão dentro dessa Grande Comissão, composta por três pessoas. A função dessa pequena comissão é solucionar os pequenos problemas, mas o grande problema reside justamente aí, eles não assumem a sua função e joga todo problema para a Grande Comissão, esta por sua vez "saí queimado", principalmente o sindicato, por eles acharem que é deve deste, solucionar os problemas do projeto por serem todos associados ao sindicato.

As divergências na pequena comissão se dá por falta de confiança, eles visam o valor quando se trata de dinheiro eles desconfiam de todos já se mudou muita gente dessa pequena comissão, falta-lhes espírito comunitário.

A tarefa teve amplas discussões a respeito desses projetos, eles acham que com esses projetos desvia-se o eixo central da questão pela terra. A Reforma Agrária - alegando que onde entra o capital entra lá a desunião.

Não existe conflitos na região. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçagi, calcula um número de três famílias na área de Araçagi. Na região de Tainha existe doze famílias que pela quantidade de anos e trabalho eles são posseiros, mas existe o receio dessas famílias com o seu patrão. Quando se fala em recor

rer a justiça eles alegam que irão perder a questão. Faz-se reu  
niões, tenta-se conscientizar mas na hora, ninguém se mobiliza. An  
tes do sindicato ser implantado não havia trabalho de base, as pes  
soas não estão acostumados com esse tipo de trabalho.

## PARTE VI

## CONCLUSÃO

Quando da substituição do algodão herbáceo pela cultura do abacaxi, não se verificou grandes mudanças na estrutura agrária da região. No que se refere ao emprego, a mão de obra familiar tem uma participação cada vez maior, como também o emprego temporário. O trabalho temporário tanto é feito pelos despossuidores das condições objetivas de trabalho, mas também por indivíduos que mesmo estando de posse dos seus meios de produção, necessitam se assalar para complementar a renda familiar.

A penetração do modo de produção capitalista não vem se efetivando de forma generalizada na agricultura em Araçagi. O capital entra especificamente na cultura de abacaxi, através do arrendamento capitalista. Quando o mercado externo e interno amplia-se para o abacaxi produzido abrir-se espaços para o capital realizar investimentos na produção dessa cultura, no entanto, na medida que cresce o número de investidores capitalistas nessa cultura aumenta-se a renda cobrada pelos arrendamentos das terras.

O Estado participa do processo, quando fornece o crédito rural criando dessa forma um mercado para produtos industrializados quando distribui através do crédito rural pacotes tecnológicos visando a elevação da produtividade, conseqüentemente, a adoção de técnicas modernas na produção agrava o problema do emprego, quando substitui-se o trabalho pelo capital.

O crédito rural para o pequeno produtor é de extrema importância para a cultura do abacaxi por lhes permitir participar do processo de produção. O pequeno produtor de abacaxi necessita pagar arrendamento feito para a plantação de abacaxi, eles são sub

metidos a esses arrendamentos pela necessidade que estes têm de assegurar a reprodução da sua força de trabalho e da sua família e logicamente objetivando obter uma taxa de lucro.

A assistência técnica dada através da EMATER objetiva incentivar a plantação de culturas alimentícias e de subsistências entre as culturas comerciais.

A produção de abacaxi em Araçagi já começa a dá os primeiros passos para obter lugar primordial a nível estadual conjuntamente com Sapé e Mari o que prejudica-o e a falta de financiamento bancário e projetos de assistência técnica que vise modernizar o cultivo de abacaxi, isto é, uma intensificação maior do capital na agricultura.

## BIBLIOGRAFIA

- O que é Reforma Agrária  
José Eli Veiga
  
- Conflito, Estado e Capital  
Dulce Maria Cantalice
  
- Questão e Reforma Agrária nos Anos 80.  
Coletânea: Vidma Figueiredo, Solon L. Bannachoueh, Jacques Chonchol, Marcel Jollived, Fernando Oliveira Batista, Phillippe Adair, Jean-Charles Szurek, Pierre Gilhodês, Ana Maria Galano, S. Cox.
  
- Anais do Seminário - Revisão Crítica da Produção Sociológica, Voltada para a agricultura.
  
- Coletânea: Coordenador: Elide Rugaí Bastos.
  
- Estrutura agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira
  
- Coletânea - Coordenador: José Graziano da Silva.
  
- Progresso Técnico e Relação de trabalho na agricultura  
José Graziano da Silva.